TL3795-2
21

PARTIDO ECOLOGISTA "OS VERDES"
GRUPO PARLAMENTAR

Assembleia da República — 1296 LISBOA CODEX
Telefone (01) 605390 / 397 02 99 — Telefax (01) 60 55 74

Intervenção da deputada Isabel Castro
Conferência Interparlamentar s/ Timor-Leste
Sessão de Abertura - 31 de Maio de 1995

Sr. Presidente da Assembleia da República
Srs. Membros do Governo
Srs. Convidados
Sras. e Srs. Deputados

Há quase 20 anos começou o seu drama, moldado por sangue, suor e lágrimas...

Há quase 20 anos também a sua silenciosa luta de resistência, bela como porventura nenhuma outra...

A luta do Povo de Timor-Leste!
Daqueles que habitam a terra do crocodilo sagrado.

Daqueles que tiveram as montanhas e a floresta como berço privilegiado, e os bancos de coral como as sentinelas primeiras da sua ilha encantada.

A luta do Povo de Timor-Leste.
Aqueles que sofrem não de hoje.
Não de ontem.

Mas de há muito a dor de uma terra ocupada pela Ditadura Militar Indonésia.

Uma ocupação militar que rasgou a terra, destruiu a floresta, abriu feridas numa tentativa inútil de isolar um povo, apagar a sua memória, destruir a sua diversidade, esmagar culturalmente e impor a resignação.

Uma ocupação criminosa que significou o genocídio de um Povo nos seus mais de 200.000 mortos.

Uma ocupação que continua quotidianamente a marcar a vida dos timorenses e ser sinónimo de perseguição, tortura, prisão, espancamento, violações, morte.

Um sofrimento de um Povo, por alguns durante anos, sabido e lembrado.

Um sofrimento de um Povo, hipócrita e vergonhosamente por outros sabido mas silenciado, e que só a força das imagens que correram mundo após uma das suas chacinas, mais brutais, no cemitério de Santa Cruz, Dili, obrigou a encarar numa indignação tardia.

Imagens que deram testemunho vivo da brutalidade da ditadura Indonésia sobre um povo mártir.

Imagens que permitiram o confronto das instituições internacionais com os seus próprios limites, os estados com as suas ambiguidades mas que permitiram sobretudo para a grande maioria dos cidadãos o despertar para uma realidade desconhecida, o consciencializar para a violência opressora de uma superpotência militar sobre um pequeno Povo indefeso!

E a descoberta de que algures neste planeta, num pequeno território perdido nas lonjuras, na aparente pequenez que o colorido dos mapas sugere, um Povo sofria e clamava por solidariedade internacional.

E o choque produziu efeitos, e a solidariedade brotou espontanêa, generosa, multipla e criativa.

De jovens, sobretudo de jovens.

Mas também de mulheres e homens que das mais variadas convicções políticas, religiosas ou filosóficas se organizaram e de diferentes modos exprimiram o seu apoio. Desceram às ruas para dar testemunho do seu protesto. Multiplicaram apelos. Desdobraram-se em iniciativas, agindo por Timor para que lá longe nas prisões, nas montanhas ou nas cidades se soubesse, e chegasse aos que heroicamente resistem a voz de muitos, que noutras latitudes escutaram o seu apelo, recusaram a indiferença e dela fizeram movimento e acção.

Um movimento que nos une numa causa, e a que vós queridos amigos participantes desta conferência interpalamentar que hoje aqui acolhemos e saudamos, vos trouxe, e a que importa na acção conjunta dar corpo e sentido.

Um movimento que urge transpôr dos cidadãos, das suas organizações autónomas e dos seus legítimos representantes nos parlamentos para os que detém responsabilidades políticas e executivas e que têm perante a causa de Timor-Leste de assumir a sua co-responsabilidade.

Uma causa que não pode ser exclusivo de alguns mas tem de ser responsabilidade de toda a comunidade internacional.

Uma causa que ao nível das instituições e dos vários poderes politicos não tolera hipocrisias, nem pode ficar-se pelas vagas declarações de princípio, por diplomacias de circunstância, por solidariedades concretamente abstractas ou meros estados de alma, mas exige vontade política feita de medidas concretas.

E porque Sr. Presidente e Srs. Deputados para nós "Verdes" as grandes causas não dependem da dimensão dos Povos que as protagonizam, antes acreditamos que na sua pequenez se engrandece porque é nossa convicção profunda que o poder dos tiranos não é eterno e os valores do pacifismo, da justiça, da liberdade e da afirmação cultural pelos quais o povo maubere anseia e teima lutar ao longo de várias gerações são fundamentais para a Humanidade.

Estamos certos que o respeito pelos direitos humanos, o direito à livre escolha, à autodeterminação e independência do Povo timorense serão abraçados no futuro.